

Recensões

Histórias Para o Ser

Recensão do livro

Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal, de Rüdiger Safranski

(São Paulo: Geração Editorial, 2000, 518 p.)

O filósofo que tentou desvendar os mistérios do ser acabou sendo desvendado. Esta é a afirmação que podemos fazer após a leitura da biografia de Martin Heidegger escrita por Rüdiger Safranski, recentemente apresentada ao público brasileiro pela Geração Editorial, numa excelente tradução de Lya Luft.

Safranski, um profundo conhecedor da história filosófica, pode, sem sombra de dúvidas, ser considerado um dos melhores biógrafos de personalidades filosóficas, embora a biografia de Heidegger seja apenas a terceira escrita por ele. Entretanto, o peso filosófico dos outros dois pensadores dos quais ele pesquisou a vida e a obra depõe a seu favor: nada menos que Schopenhauer e Nietzsche, os dois grandes arautos da filosofia contemporânea. Do primeiro analisa os anos selvagens da filosofia e, do segundo, faz a biografia de uma

tragédia. Finalmente pensa em Heidegger como um mestre da Alemanha que viveu sua história no limiar do humano, entre o bem e o mal.

A biografia do filósofo da floresta negra só recebe elogios, ao ponto da edição brasileira ser prefaciada por Ernildo Stein, um dos mais renomados estudiosos de Heidegger em nosso país. Stein não mede as palavras e afirma:

Trata-se de um livro que reconstrói toda uma etapa histórica, realiza uma reflexão precisa e ampla sobre o pensamento, a vida e os descaminhos políticos de um pensador que cedo foi colocado ao lado de Platão, Aristóteles, Kant e Hegel.

A biografia de Heidegger que Safranski escreveu atingiu tal envergadura e completude que todos os outros ensaios biográficos sobre o filósofo terminam parecendo parciais e fragmentários. (P.13.)

É bom que seja assim, pois, desta maneira, qualquer impressão que tenhamos sobre o filósofo e sua obra parece estar justificada. A todo o momento, o que temos diante de nós é uma mescla da história pessoal, amplamente documentada através de cartas do filósofo e depoimentos de conhecidos da época; e do pensamento, rigorosamente apresentado através das obras escritas por ele.

Para além de uma leitura tendenciosa, uma das impressões que temos ao término da leitura é que Heidegger era “essencialmente” - com o perdão do trocadilho - um homem religioso. Filho do sacristão devotado da pequena igreja de Messkirch, região de Baden, o garoto que viria a se tornar o maior filósofo do século vinte cresceu nas sombras da igreja e da fé, seja exercendo o trabalho de menino sineiro, seja estudando para o sacerdócio graças às bolsas fornecidas por instituições católicas.

Mas isso é muito pouco; Heidegger foi um homem religioso por muitos outros motivos. Antes de se dedicar à filosofia, o pensador transitou pelas paragens da teologia, e com muito gosto por sinal, de tal maneira que fica difícil dizer até que ponto ela, a teologia, não deixou de ecoar ao longo de todo o seu filosofar. Isso sem falar na veemência com que Heidegger desejou ocupar uma cátedra de filosofia católica na universidade.

Entretanto, não podemos deixar de observar que o filósofo teve uma religião laica: foi o momento de sua adesão ao nacional-socialismo e de seu envolvimento político nos anos de trinta e três e trinta e quatro enquanto reitor da universidade de Marburg. O filósofo teve uma devoção quase religiosa pela figura do *Führer*, além do fato de, nessa época, ter vivido constantemente fora de si, num êxtase quase místico, uma vez que alimentava dentro de si a esperança de que a revolução nacional-socialista representava a salvação - com toda conotação metafísica desta palavra - da Alemanha e a possibilidade de recondução de seus rumos através da história, num retorno às suas raízes e ao solo natal. A posição existencial de Heidegger foi soteriológica, diríamos.

Mas tudo isso pode não passar de uma mera crítica impressionista. Todavia, temos razões de sobra para apontarmos Heidegger como sendo um filósofo religioso - sem que esta palavra tenha qualquer peso dogmático ou depreciativo em relação à sua filosofia. Transitando entre a fenomenologia e a ontologia, a obra filosófica de Heidegger acaba, intencionalmente ou não, tocando o Sagrado. Sua vida foi perguntar pelo ser, mas a única resposta que chegou a obter foi o abismo, o nada, o mistério da diferença ontológica e o Sagrado trazido para o centro do mundo, como eixo de uma experiência originária do ser humano e de sua liberdade.

O modo mais radical e profundo, através do qual o filósofo tentou mostrar filosoficamente o que estava dizendo, só veio à tona nas suas conferências da década de cinquenta. Nelas, o filósofo apresenta o mundo como quaternidade, ou seja, a unidade simples de terra, céu, deuses e mortais.

Mas, já em meados de vinte e dois, o discípulo mais promissor e contundente do pai da fenomenologia Edmund Husserl já pensava no assunto. Num dos capítulos da biografia, no qual Safranski tenta lançar luz sobre os anos anteriores a *Ser e Tempo*, o autor quer saber se as reflexões de Heidegger querem "perder Deus pela autotransparência da vida fáctica, para depois O reconquistar como acontecimento indisponível que irrompe na vida fáctica 'como um ladrão na noite'". (P. 146.)

Depois de *Ser e Tempo*, somos levados a mergulhar nas conferências sobre a lógica e *O que é metafísica?* Agora o que

está em jogo para Heidegger é o nada, enquanto abismo do próprio ser; a “transcendência do *Dasein* é o nada”. (P. 222.) Estamos em fins da década de vinte, momento em que estão fervilhando o “numinoso” de Otto, aquilo “que nos interessa absolutamente” de Tillich, o “reino de Deus” de Barth e o “abrangente” de Jaspers. (P. 222.) Mas é também o momento de Heidegger: sua questão é a transcendência, a transcendência do vazio. Safranski faz a seguinte observação:

Também o momento de Heidegger conduz a uma transcendência, mas uma transcendência do vazio. A transcendência do nada. Mas a força do numinoso não desapareceu. Ela brota do singular movimento entre nada e algo, que o ser humano pode executar com consciência. Esse é o seu espaço numinoso que lhe permite vivenciar como milagre - o milagre de sequer existir alguma coisa. E não apenas isso - igualmente espantoso é nesse pano de fundo a potência criativa do ser humano: ele pode produzir uma coisa; ele se encontra com toda a contingência do ser-assim, mas pode configurar a si mesmo e ao seu mundo, pode deixar o ser crescer e também destruí-lo. No medo do vazio perdemos o mundo e mesmo assim vivenciamos como do nada sempre nasce outro mundo. Através da angústia, podemos vir ao mundo outra vez. (P. 222.)

Heidegger parece chamar o *Dasein* para a decisão superadora do nada e da angústia fundamental. Numa carta a Elisabeth Blochmann, amiga dos tempos de estudo de sua esposa Elfride, o pensador manifesta suas mais profundas sensações ao assistir às Completas, na meditação noturna da Igreja de Beuron: “Que diariamente o ser humano entre na noite é uma banalidade para os homens de hoje... nas Completas ainda existe a força primordial mítica e metafísica da noite que temos de varar constantemente para existirmos de verdade. Pois o bem é apenas o bem do mal.” (P. 223-4.) Safranski, a partir desta carta, pergunta até que ponto este mal não é o equivalente do nada de *O que é metafísica?*, e afirma:

Traduzida em conceitos morais, a problemática da Metafísica seria: não se trata apenas de resistir ao mal, é preciso primeiro notar que existe esse mal, essa noite em nós e ao redor de nós. O problema é a pálida unidimensionalidade de nossa cultura, que se sente protegida do abismo e do mal. O homem moderno,

escreve Heidegger nesta carta, faz da noite dia, assim como compreende o dia, como continuação de uma atividade e um tumulto. (P. 226.)

Não podemos deixar passar um momento precioso do livro, no qual Safranski fala de uma alusão feita por Heidegger a respeito do numinoso de Otto:

Mistério e terror. Heidegger alude à definição do numinoso em Rudolf Otto. Este interpreta a experiência religiosa do sagrado como terror diante de um poder que nos aparece como mistério. Heidegger assume os sinais do numinoso assim compreendido, mas risca a relação com o além. O *Dasein* mesmo é o numinoso, o misterioso aterrorizante. O terror é o espanto dramaticamente intensificado sobre o fato de que ali exista algo e não o nada; o terrível enigma é o entre em seu isto (*Dass*), despido e nu. (P. 240.)

Por hora, não cabem mais exemplos, afinal não queremos defender nenhuma tese de que Heidegger foi um homem religioso. Devemos apenas registrar o fato de que, de uma maneira extremamente arguta e sensível, Safranski delinea um Heidegger profundamente religioso, seja na vida, seja no seu pensamento; fazendo-o dialogar sempre que possível com suas “origens” teológicas e com o momento histórico definitivo no qual ele viveu, quando a descrença e o vazio pareciam ser a norma do existir e do pensar.

Agora, o que importa que ele tenha sido católico, casando-se sob os auspícios da “Santa Madre”, e que logo depois tenha se convertido ao luteranismo, batizando nesta igreja o seu primeiro filho? Mais ainda, qual a importância de Heidegger, em tempos posteriores, ter compreendido tão profundamente as palavras de Nietzsche (“Deus está morto”), assumindo-as em sua própria vida? O que importa é o legado que Heidegger nos deixou. É ter chegado, no fim de sua filosofia, a pensar o mundo como quaternidade, mostrando-nos que a experiência religiosa é algo elementar e que o Sagrado é algo originário, ontológico por que não dizer, em íntima ligação, ou relação, com a nossa existência concreta no mundo: sobre a terra, sob o céu, vivendo a nossa mortalidade e esperando o advento da deidade. O Sagrado está logo ali, e não em nenhuma espécie

de paraíso perdido. Experienciá-lo é apenas uma questão de habitar poeticamente o mundo. A manifestação do Sagrado depende de nossa proximidade em relação ao mundo, não dominando-o, mas deixando-o ser; permitindo uma clareira para o desvelamento.

Safranski contou a história de maneira primorosa, prezando pelos detalhes. Cada capítulo é um desafio, um convite do ser... Heidegger. E vale para Heidegger o que ele disse certa vez sobre Aristóteles: nasceu, trabalhou e morreu.

Partindo de sua infância, podemos percorrer sua educação e depois descobrir como para o filósofo Deus um dia esteve no detalhe. Podemos também perceber como os tempos com Husserl o influenciaram, permitindo-lhe descobrir a intuição que leva ao coração do mundo. Mas a hora da verdade um dia chegaria para Heidegger; era preciso filosofar apesar da história. Mais que isso, era preciso reconhecer a realidade exterior e adotar uma postura primordial. Era preciso vivenciar e, de tão mergulhado no mundo, descobrir a mundanidade e, ao mesmo tempo e estranhamente, um conceito de Deus.

Heidegger, um apaixonado... Dentre as paixões, a maior delas: Hannah Arendt, para além do ser, para além do tempo; que ser, que sentido? Talvez filosofar sobre os acontecimentos e achar o coração da metafísica. Mas diante de abóbodas que desabam ao som dos clarins de uma revolução por vir, Heidegger literalmente veste o uniforme - ou seria a túnica? No auge de seu deslumbramento nacional-socialista, o filósofo vira um sacerdote sem mensagem, no limiar anti-semita - Afinal, ele cria na pureza do movimento.

Entretanto não quiseram ouvir sua mensagem, e ele teve que sair da maquinação política. Não mudou de lado, mas isso não impediu sua crítica do pensamento do poder. Mas, o clamor do pensamento e da meditação continuavam fortes, só um diário filosófico para um silêncio eloquente.

Acaba a guerra, o planeta está em chamas e Heidegger corre riscos no processo de desnazificação da Alemanha. Seu pensamento, sim, se fortalece, é a leitura de Sartre. E após o momento difícil, Heidegger volta a percorrer as sendas perdidas da Floresta Negra, quer saber o que fazemos quando pen-

samos. O filósofo está sozinho, envergonhado e não sabe como reatar com Hannah Arendt e com Karl Jaspers, amigos judeus esquecidos no período negro da década de trinta, lembrados agora no pós-guerra.

O pensar não pára e Heidegger está na discussão: Demonização e técnica ou técnica da demonização? É a Alemanha que parece não encontrar um caminho. É preciso que se saiba qual o verdadeiro jargão dos anos sessenta. Talvez Heidegger não venha a descobrir. Há tempo somente para alguns cantos de despedida.

E, com a última palavra, Ernildo Stein:

Tudo isso nos é apresentado com contenção e entusiasmo, com participação e distância, com admiração e crítica. Safranski teve a coragem de enfrentar Heidegger e seu século. A seu empreendimento em momento algum faltaram a grandeza dos horizontes e a seriedade diante de um pensamento que mudou a história da filosofia. (P. 16.)

Rodrigo Toledo França
Mestrando em Ciência da Religião/UFJF